



**Universidade de Brasília  
Faculdade de Comunicação  
Departamento de Jornalismo**

**RAFAEL MONTENEGRO DA SILVA**

**[RAP]ORTAGEM BdE:**  
Um documentário sobre a Batalha da Escada

Brasília  
Dezembro de 2017

**RAFAEL MONTENEGRO DA SILVA**

[RAP]ORTAGEM BdE:  
Um documentário sobre a Batalha da Escada

Memorial descritivo de produto  
apresentado à Universidade de Brasília  
como requisito parcial para obtenção do  
título de bacharel em Comunicação  
Social com habilitação em Jornalismo.

Orientadora: Márcia Marques

Brasília, 2017

**RAFAEL MONTENEGRO DA SILVA**

[RAP]ORTAGEM BdE:  
Um documentário sobre a Batalha da Escada

Memorial descritivo de produto  
apresentado à Universidade de Brasília  
como requisito parcial para obtenção do  
título de bacharel em Comunicação  
Social com habilitação em Jornalismo

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dra. Márcia Marques  
ORIENTADORA

---

Prof. Dr. Sérgio Ribeiro  
BANCA

---

Prof. Dra. Fabíola Calazans  
BANCA

---

Prof. Dr. Fernando Oliveira Paulino  
SUPLENTE

**Brasília, 2017**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente à família, àqueles que sempre me incentivaram a ir em frente me oferecendo apoio e amor: minha mãe, meu pai, meu irmão e minha companheira Lívia - que também me ajudou com a revisão deste trabalho. Sem vocês não chegaria perto de onde estou hoje.

Agradeço também aos colegas que trabalharam para que este trabalho pudesse nascer, principalmente ao meu amigo Stei, que é tão responsável por este filme quanto eu. Obrigado a todos que, direta ou indiretamente, trabalharam neste documentário e seriam muitos para eu citar aqui sem esquecer alguém e cometer uma injustiça imperdoável.

Obrigado à grande personagem e responsável por tudo isso acontecer: a Universidade de Brasília. Graças a essa incrível instituição eu me construí jornalista, MC, pude trabalhar neste filme e vi nascer o objeto de estudo deste trabalho, a Batalha da Escada. Agradeço à BdE e a cada pessoa com quem compartilhei o tempo nesses quase 3 anos de existência do projeto. Dentro da UnB não posso de deixar de agradecer a duas pessoas - amigos que me deram aula - que me incentivaram a viver da melhor maneira o universo da universidade: prof<sup>a</sup> Márcia Marques e prof. Fernando Oliveira Paulino.

## RESUMO

Este memorial registra a produção do primeiro corte de um documentário piloto de uma série de vídeos sobre a Batalha da Escada. O produto foi realizado com a colaboração de integrantes da gestão de tal projeto, voluntários da Faculdade de Comunicação e com o apoio da UnBTV. Trata de um registro e da promoção de diálogos a partir do evento que leva, semanalmente, 400 pessoas ao Teatro de Arena da UnB para acompanharem uma competição entre mestres de cerimônia que se intercalam improvisando versos em batidas de *hip hop* e têm seu mérito julgado pelo público presente.

**Palavras-chave:** rap, batalhas de rap, documentário, hip hop, extensão

## ABSTRACT

This memorial records the production of the first cut of a documentary, pilot of serial videos about Batalha da Escada. The product was made by a collaboration between members of such project's management, volunteer students of FAC and technical support from UnBTV. It deals with the recording and seeks to promote the dialogue from the event that brings, weekly, 400 people do the UnB's arena theater to watch a tournament between masters of ceremony that take turns improvising verses in hip hop instrumentals and have their merits judged by the crowd.

**Keywords:** rap, rap battles, documentary, hip hop, extension

## SUMÁRIO

<b>1.INTRODUÇÃO</b>	<b>6</b>
<b>2. PROBLEMA DE PESQUISA</b>	<b>9</b>
<b>3. JUSTIFICATIVA</b>	<b>12</b>
<b>4.1 OBJETIVOS</b>	<b>13</b>
4.1.1 OBJETIVO GERAL	13
4.1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
<b>5. REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>14</b>
5.1. PRODUTO	14
5.1.1 DOCUMENTÁRIO	14
5.1.2 ENTREVISTA	15
5.2 DISCUSSÕES	16
5.2.1 COMUNIDADE UNIVERSITÁRIA	16
5.2.2 EXTENSÃO	17
5.2.3 GÊNERO E HIP HOP	19
<b>6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	<b>22</b>
6.1 FORMATO	22
6.2 PERSONAGENS	23
6.3 PRÉ-PRODUÇÃO	24
6.4 PRODUÇÃO	27
6.5 PÓS-PRODUÇÃO	28
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>31</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>32</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>33</b>
<b>REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO</b>	<b>40</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O *hip hop* é hoje um influente movimento cultural – um dos gêneros musicais mais escutados no mundo todo<sup>1</sup> – e um dos desdobramentos desse fato é a disseminação de eventos que envolvem essa cultura. O *rap* é um dos pilares desse movimento, que tem suas raízes históricas localizadas no Bronx, bairro de Nova York, EUA, na década de 1970 - os outros pilares originais são o *break dance*, o *grafite* e o *DJ* (MATSUNAGA, p 32-41, 2006; ZENI, MOREIRA, 2004) - e uma de suas manifestações é através da batalha de MCs (MATSUNAGA, p.9-11, 2006). As raízes do *hip hop*, especialmente do *rap*, podem remeter até a África pré-colonial, na figura dos e das *griots*, que exerciam papel de mensageiro e contador de histórias.

Pelo Distrito Federal ocorrem mais de vinte batalhas regulares, as quais funcionam como torneios onde os participantes são julgados pelo público (e, às vezes, também por jurados) que avalia(m) seu mérito em construir rimas e versos improvisados na hora.

Conceituando brevemente *rap* e “batalha de MC”, segundo Laura Moreira (2014):

O *rap*, também chamado nos Estados Unidos de *emceeing* é o ato de rimar em cima de uma batida acelerada, que pode ser feita pelos *DJs* nos sistemas de som, por músicos (mais raro) ou pelos *beatboxers* com a boca. Os *rappers* escrevem suas letras geralmente antes da performance, mas aqueles que são chamados de MCs, Mestres de Cerimônia, improvisam suas letras com a situação do momento e "atacam" o outro rapper com rimas provocativas, agitando o público. Os aplausos decidem qual MC foi melhor e venceu a batalha. Era através dessas batalhas que os rappers iam ficando mais conhecidos e ascendendo na comunidade, chamando atenção de cada vez mais pessoas, até conseguirem chegar às rádios e gravadoras. (p.18)

É incerto especificar quando surgiram as batalhas de MCs no Distrito Federal, mas é perceptível o crescimento de sua popularidade. No começo da década de 2010, eram três

---

<sup>1</sup> <http://billboard.uol.com.br/noticias/rap-e-o-genero-mais-ouvido-do-mundo-segundo-spotify/>

batalhas regulares, como o Calango Pensante, que acontecia mensalmente no Conic. Hoje, são mais de vinte e a maioria, semanais. Há batalhas menores, que atraem mais a comunidade ao redor e os transeuntes; e há batalhas grandes, consagradas e que atraem grande público, como a Batalha do Relógio em Taguatinga e a Batalha do Museu entre o Museu da República e a Biblioteca Nacional. Há uma batalha organizada por e voltada para mulheres, a Batalha das Gurias, que ocorre no último domingo do mês em diferentes Regiões Administrativas do DF. E a Batalha do Neurônio, realizada nos últimos sábados do mês no Taguapark, já foi objeto de estudo de Trabalho de Conclusão de Curso na UnB por Naú Paiva, que é *rapper* e um dos organizadores (PAIVA, 2013).

Uma dessas batalhas periódicas realizadas no DF – e o foco deste trabalho – é a Batalha da Escada. Iniciada entre março e abril de 2015, o projeto é uma iniciativa de alunos da UnB que surgiu de um movimento espontâneo de interessados na cultura *hip hop*. O encontro para improvisar rimas foi atraindo cada vez mais gente e evoluiu para o que hoje é um evento semanal que atrai um público de aproximadamente 400 pessoas para o Teatro de Arena, no Campus Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília. O coletivo responsável pelo projeto – que é composto por algo em torno de dez pessoas – realiza também outras atividades: oficinas, rodas de conversa, palestras em escolas e eventos, intervenções de diversos tipos e outras iniciativas propiciadas pelo caráter multidisciplinar das relações entre os envolvidos.

Após mais de dois anos de existência nas dependências da UnB – mais especificamente (mas não apenas) no ICC norte do Campus Darcy Ribeiro e seus arredores – a Batalha é hoje reconhecida como importante agente cultural, tanto pelos frequentadores da Universidade, como por esta como instituição. A Batalha da Escada já foi aprovada como projeto de extensão em conselho na Faculdade de Comunicação e caminha para aprovação no Decanato de Extensão, o que consolidará institucionalmente a aproximação com a Universidade e a comunidade na qual se inserem.

O coletivo responsável pela realização da Batalha da Escada cumpre várias tarefas: armazenar e fazer a manutenção dos equipamentos utilizados, realizar o evento às quartas em harmonia com a Universidade, se reunir periodicamente para discutir possíveis demandas que surjam, pensar e executar programar em formato de rádio, entre diversas outras. Alguns membros do coletivo são incumbidos de registrar vídeos das batalhas para abastecer plataformas digitais - *YouTube*, *Facebook*, *Instagram*, portfólio - com conteúdo próprio.

Como as batalhas em si já são sistematicamente filmadas e a história da Batalha da Escada já foi registrada em diferentes veículos de comunicação, o presente trabalho propõe



uma abordagem diferente desse objeto. Para além de um registro histórico ou factual do projeto, o documentário promove discussões sobre pautas diversas, tendo a Batalha da Escada como ponto de partida. O episódio inicial registrado neste memorial discutiu as pautas: origem do projeto, sua relação com a UnB, a relação entre a UnB e a periferia do DF e a questão de gênero dentro das batalhas de *rap*. Para os próximos episódios, ficam sugeridas pautas como o racismo, o manejo de lixo no evento, a economia movimentada pelo evento, o trabalho social vinculado a batalhas de *rap* e uma perspectiva sobre drogas.

## 2. PROBLEMA DE PESQUISA

Há um problema maior a ser destrinchado em tópicos maiores nas investigações desta pesquisa: Como fazer um documentário que registre o movimento de rua, na forma da Batalha de MC, servindo de ponte entre o que há dentro e o que há fora da Universidade?

O primeiro tópico de pesquisa foi acerca do formato do produto. O canal da Batalha no *youtube* já conta com um vasto registro de como são as batalhas, então esse não precisava ser o foco. Também já foram feitas muitas reportagens sobre a Batalha. A decisão de introduzir os agentes envolvidos para dialogarem aponta para a direção do uso de entrevista. Então: como? Com quem? Com que intenção? Se intercalando de que forma? Por quanto tempo? Com que indicações de som? E os discursos construídos a partir da montagem?

É importante o registro e a documentação dos processos e projetos que ocorrem na Universidade. Estudar as etapas da produção pode ser tão frutífero quanto estudar o produto em si – se não mais. Faz-se pertinente então alguns questionamentos sobre a estrutura da Batalha: Como começou? Como funciona? Quem são/foram os envolvidos? Como é a recepção de quem entre em contato?

Logo nos primeiros meses, a Batalha da Escada, que atraía dezenas de pessoas, cresceu e passou a ser frequentada por centenas. O crescimento na proporção do propiciou uma relação com a Universidade de Brasília em diferentes esferas, como a Prefeitura, a Reitoria, o Decanato de Extensão e a Faculdade de Comunicação. Esse reconhecimento decorrente de um crescimento da proposta levanta outras questões pertinentes: O que mudou desde o começo do projeto? Como evoluiu? Como é a relação do público hoje? Como é a organização do coletivo hoje? Quais os desdobramentos das relações com a UnB?

O *rap* é um gênero musical nascido e desenvolvido em periferias e carrega consigo, desde sua gênese, forte caráter de contestação quando a questões sociais, étnicas e políticas. Mais que isso, permite que adolescentes sejam autores de sua própria identidade, como diz Viviane Magro (2002):

Os adolescentes participantes desse movimento são descritos como protagonistas de seu próprio processo educativo, no qual deixam de ser meros atores e agentes de um modelo social e se tornam “autores de si próprios”; ou

seja, no hip hop eles resgatam a educação como uma formação de “autores-cidadãos”. Portanto, a visibilidade de outros modos de ser adolescente, que estão presentes no contexto de educação não formal e informal das culturas juvenis, pode contribuir para uma compreensão da adolescência urbana que reconhece o adolescente como um sujeito capaz de formular questões relevantes e ações significativas no campo social. (p.63)

A promoção desta cultura na universidade permite dois fluxos na relação entre universidade e periferia. O primeiro é do ambiente universitário reconhecer e absorver uma cultura periférica. A realização do *rap* na UnB permite que um discurso majoritariamente forjado nas realidades periféricas e marginais chegue em quem não vive a realidade da pobreza, do crime, do racismo e das várias opressões constantes decorrentes da desigualdade social. A construção de um espaço de relação com os saberes e vivências da cultura *hip hop* permite a voz a quem é sistematicamente silenciado. Além disso, garante àqueles que têm contato com o movimento a formação de um sentimento de comunidade caracterizado por laços sociais de pertencimento (COSTA e MENEZES, 2009).

O segundo sentido é o da *quebrada* reconhecendo a Universidade – e se reconhecendo na Universidade. As batalhas de MCs são frequentadas por adolescentes, que por vezes, não sabem do que se trata a universidade ou têm pouca perspectiva de chegar ao Ensino Superior. E para os moradores de periferia que de fato chegam à UnB, são poucos os espaços onde eles podem se sentir reconhecidos, representados e acolhidos. Cabe então investigar: Quais os desdobramentos dessa relação entre universidade e periferia? Qual o propósito da universidade? Qual o propósito e pra quem se destinam os espaços públicos da universidade? Como a cultura pode servir de elemento educador e transformador de realidade? E como as iniciativas da universidade podem levá-la para além de seus muros?

No *rap* perpetuam-se opressões que também se manifestam em outras dinâmicas sociais, principalmente no que toca a questão de gênero. Segundo Matsunaga (2006), as características do discurso do *rap* sobre a mulher “sugerem uma representação da mulher vinculada a uma ordem moral e social conservadora, que ainda opera na distinção entre feminino e masculino, atribuindo para o primeiro o espaço privado e para o segundo o espaço público.” (MATSUNAGA, p.179, 2006). A gestão da batalha separa duas das vagas nas inscrições às quartas-feiras para mulheres (o outro tipo de ação afirmativa é separar

outras duas vagas para quem irá batalhar pela primeira vez), ciente da importância dos espaços onde a mulher tem a voz no microfone (e na plateia). Segundo Rosa (2006):

Quando o rap é protagonizado por mulheres, a matriz discursiva muda e ocorre uma reordenação de valores e dos valores atribuídos à categoria de gênero. O discurso de enfrentamento deixa de ser um valor de masculinidade e vincula-se à posição da mulher. [...]

Ao negar o ideal de passividade feminina no rap as mulheres inserem uma fala dissidente sobre a contribuição da mulher nas lutas de independência e pela liberdade. [...]  
(p. 48)

Cabe à pesquisa tentar responder: Como essa relação se dá em batalhas de MCs? Qual a importância de uma batalha composta só por mulheres, como a BDG? Como a Batalha da Escada se encaixa nesse panorama?

### 3. JUSTIFICATIVA

Não há registro, pelo menos não do qual se fala sobre, de outro evento no Teatro de Arena que tenha atraído, semanalmente, 400 pessoas como a Batalha da Escada. O tema foi escolhido por se tratar da conexão entre dois aspectos que me encantam: a UnB e o *rap*. A Batalha da Escada permitiu, a mim e incontáveis outras pessoas, vivenciar de uma maneira mais intensa a Universidade, a cultura *hip hop* e até, porque não, o movimento estudantil. É um projeto maior do que conseguimos ter ideia hoje e é importante fazer um registro de seu funcionamento, seus desdobramentos e sua repercussão.

Este TCC pretende levantar discussões acerca de determinadas pautas. Não foi feito até hoje um registro que ponha os diferentes agentes - frequentadores, participantes, alunos, professores, técnicos, servidores, empreendedores individuais, ambulantes, seguranças, pessoas em situação de rua - da Batalha para conversar. O documentário propõe registrar a perspectiva desses diversos agentes sobre assuntos latentes em voga em relação à Batalha: sua origem e organização, a relação com a UnB e a questão de gênero.

O projeto seria feito em parceria com Matheus Bastos, que cursou Jornalismo comigo. A vida e a competência dele, no entanto, o levaram a ir trabalhar no Rio de Janeiro antes de formar. Agora ele mexe com sua paixão vídeos de *skate*. Certa vez, mostrei a ele o *trailer* de um documentário sobre pessoas que fazem vídeos de *skate*. E ele mencionou sobre como aquele filme era exatamente o que ele gostaria de assistir: temos muitos vídeos de *skate* por aí, mas pouco material sobre produzir vídeos de *skate*. Este trabalho nasce de um desejo parecido: temos muito material sobre batalhas de *MCs* por aí, mas pouco material sobre construir uma batalha de *MCs*.

## **4.1 OBJETIVOS**

### **4.1.1 OBJETIVO GERAL**

Este presente Trabalho de Conclusão de Curso pretende criar um documentário de aproximadamente 25 minutos, episódio piloto de uma série que pretende investigar pautas que se dão a partir do projeto Batalha da Escada

### **4.1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Pesquisar documentário, UnB e *hip hop*
- Pré-produzir um filme sobre a Batalha da Escada;
- Produzir o filme com equipe formada a partir da UnB;
- Pós-produzir o primeiro corte do filme, para avaliar quais serão os desdobramentos da pesquisa.

## 5. REFERENCIAL TEÓRICO

Há dois eixos que orientam esta pesquisa: o filme e as discussões dentro do filme. Foram duas investigações simultâneas: uma para fundamentar as discussões levantadas a partir dos diálogos criados no filme e outra para produzir um filme de qualidade. Tal situação levanta alguns tópicos a serem resolvidos no arcabouço teórico. Quanto ao produto, é necessário pesquisar sobre documentário e sobre entrevista. E quanto às discussões levantadas, é preciso a referência do que é dito quando surgem ideias como universidade, extensão, o poder social do *hip hop* e gênero.

### 5.1. PRODUTO

Para estudar o produto, devemos conceituar e entender os conceitos de documentário enquanto gênero audiovisual e de entrevista enquanto técnica jornalística.

#### 5.1.1 DOCUMENTÁRIO

Já foram feitos alguns tipos de produtos de comunicação sobre a Batalha da Escada. As batalhas semanais são gravadas pelo coletivo e ficam disponíveis no canal do *youtube*. E o projeto já foi pauta de diversos veículos de mídia, seja rádio (programa Coletivo S.A., do Coletivo Palavra na Cultura FM 100.9), jornais impressos (Aqui DF, Correio Brasiliense, Campus), televisivos (SBT, UnBTV) e *onlines* (Catraca Livre, Campus Online, G1, entre outros). A busca por um formato original que fugisse aos enfoques já direcionados à Batalha pedia a utilização de algum gênero narrativo diferente.

A escolha do documentário para esta obra se deu por esta ser um gênero audiovisual que apresenta como recurso linguístico-discursivo a opção por uma maneira de como dar voz aos outros. Além disso, a vontade de jogar um olhar diferente nas batalhas -

menos nas batalhas em si e mais em sua organização e em seus desdobramentos - é suprida pelo documentário por este ter na “criatividade usada no processo de edição e montagem um importante índice de autoria” (MELO, 2002). A construção de um documentário permite a nós, integrantes do coletivo, mostrar nossa perspectiva sobre a batalha ao mesmo que a casamos com as perspectivas de outros personagens.

Quem também ressalta as possibilidades proporcionadas pelo gênero documentário a partir das subjetividades de quem o produz é Sérgio Puccini, quando diz:

Documentário é também resultado de um processo criativo do cineasta marcado por várias etapas de seleção, comandadas por escolhas subjetivas desse realizador. Essas escolhas orientam uma série de recortes, entre concepção da idéia e a edição final do filme, que marcam a apropriação do real por uma consciência subjetiva. (SOARES)

Ao realizar um documentário sobre a cena de *rap* local, lançamos vistas a um nicho, a uma pauta e a uma gente que não costumam ter suas trajetórias nos grandes veículos de comunicação. Como traça Gemayel (2016), também autor de um documentário como TCC: “[são] lugares que a mídia raramente pisa, e quando foca seus holofotes nestas regiões é para evidenciar situações de extrema violência, sucesso de controle das forças policiais e sobre o tráfico de drogas”. Ao produzir documentários como Trabalhos de Conclusão de Curso - especialmente sobre esses temas - trazemos aos produtos de comunicação e aos olhos da academia e do público essas vozes que já ecoam e se perpetuam nas ruas.

### **5.1.2 ENTREVISTA**

A entrevista é a técnica jornalística na qual o repórter busca a construção de uma ponte de interrelação humana com o entrevistado, que age como fonte de informação (GEMAYEL, 2016). Mais que isso: Cremilda Medina define que a entrevista é a *praxis* do jornalismo, uma vez que a prática resume todos os contatos com uma fonte efetuados pelo jornalista durante o processo de recolha de informações (GRADIM, 2000, p.97). Para botar esses diferentes agentes em diálogo sobre as diferentes pautas que a Batalha levanta, a entrevista permite que esses agentes sejam os narradores da história, os portadores da voz.

A junção da técnica do jornalismo dentro do gênero documentário exige um trato delicado quanto ao momento das filmagens - a apuração do material que irá para o filme.



Alguns detalhes só são perceptíveis naquele derradeiro momento da gravação, principalmente no que se refere ao trato com os entrevistados. Como Gemayel fala, ao produzir seu documentário: “O jornalista passa a enxergar além dos requisitos imediatos da produção da notícia e valoriza os componentes da criação humana.” E o documentarista Eduardo Coutinho (2007 apud Frochtengarten, 2009) também fala sobre isso, deixando de ser entrevistador para ser entrevistado em artigo escrito sobre entrevistas:

Em toda minha experiência de vida e de filmagem eu vi que, não importa se há pesquisa anterior e se eu conheço alguns fatos, o acaso está sempre presente. E que há um problema que é saber quando perguntar, o quê perguntar, quando romper o silêncio e quando não romper. Eu estou a toda hora errando. Porque o documentário é baseado na possibilidade de erro humano. Até hoje acontece de eu perguntar na hora em que eu não devia e o silêncio acaba. Ou eu faço a pergunta errada. Às vezes eu consigo fazer a pergunta certa. Tudo porque a voz em um filme ou na história oral é imediata. (COUTINHO apud FROCHTENGARTEN, 2009)

Portanto, por mais que sejam de suma importância e primordial para o filme o planejamento, a organização e roteiro, com a entrevista existe grande caráter de improviso, sensibilidade no trato e perspicácia para conseguir extrair o melhor dos envolvidos.

O acaso, a surpresa e a incerteza do resultado é que me interessam. Eu acho que as relações dão certo quando não são pergunta e resposta, mas um ato colaborativo. O ato de filmagem é assim: a pessoa me diz alguma coisa que nunca vai repetir, nunca disse antes ou dirá depois. Surge naquele momento. (COUTINHO apud FROCHTENGARTEN, 2009)

## **5.2 DISCUSSÕES**

Este episódio piloto da série documental foca em três pautas: a origem da Batalha da Escada, as relações desta com a UnB e da UnB com a comunidade externa e a questão de gênero. Para tanto, é necessário definir conceitos como “extensão”, “comunidade universitária” e elucidar a questão de gênero no *hip hop*.

### **5.2.1 COMUNIDADE UNIVERSITÁRIA**

A UnB define a comunidade universitária em seu estatuto, no Título IV, Artigo 56: "A comunidade universitária é constituída por docentes, discentes e técnico-administrativos, diversificados em suas atribuições e funções, unidos na realização das finalidades da Universidade." Já o regimento da UnB, além de estabelecer os direitos e deveres dos corpos docente, discente e técnico-administrativo, define no Artigo 142 que a Universidade presta assistência para a comunidade universitária mediante de promoções de natureza artística, cultural, esportiva e recreativa.

É perceptível que a Batalha da Escada mantém relações profundas com cada um destes agentes mencionados como comunidade universitária segundo o estatuto; e também com vários outros agentes que, conseqüentemente, são considerados externos à comunidade acadêmica. Também é possível a interpretação de que a batalha é uma "promoção de natureza artística, cultural e recreativa" passível de receber assistência da Universidade.

### **5.2.2 EXTENSÃO**

O processo que transforma a Batalha da Escada em programa de extensão já foi aprovado em reunião de colegiado na Faculdade de Comunicação (sob a supervisão da prof. Márcia Marques, orientadora deste TCC) e depende apenas do Decanato de Extensão para ser concluído. Mesmo antes deste processo, era vontade dos integrantes do coletivo transformar o projeto em extensão. O que levou a uma pergunta pertinente a este memorial: o que é a extensão?

A UnB estabelece logo no Artigo 3º de seu estatuto que tem como finalidades essenciais o ensino, a pesquisa e a extensão - o tripé é inclusive base da Universidade; sem algum desses elementos, trata-se de um centro universitário. Ao terceiro elemento desse tripé é designado o objetivo de intensificar relações transformadoras entre a Universidade e

a sociedade, por meio de processo educativo, cultural e científico. No Artigo 134 do regimento da UnB está escrito que a extensão abrange:

"programas, projetos, prestações de serviços, cursos e eventos de todas as áreas do conhecimento, integrados ao ensino e à pesquisa, voltados ao público interno e externo, por meio do atendimento às demandas sociais, de forma que contribua para a solução dos problemas da região e do País." (p.72)

A extensão, portanto, liga a Universidade à sociedade. O conhecimento produzido e revisado na Universidade através da pesquisa é transmitido de maneira sistemática aos estudantes da graduação e da pós-graduação através do ensino. A extensão abarca tanto o ensino ministrado para além da sistemática de graduação e pós-graduação quanto as atividades que ligam os corpos docente, discente e técnico-administrativo aos indivíduos que não integram a comunidade acadêmica. É uma das formas, talvez a mais significativa, de devolver à sociedade o investimento que ela faz aqui.

### **5.2.3 GÊNERO E HIP HOP**

Em um ambiente onde os discursos perpetuam práticas machistas - como em batalhas de MCs - uma postura de confronto das mulheres envolvidas permite destacar as questões de gênero e deslocar os homens, tirando-os da zona de conforto. Apesar de ser um ambiente de luta e contestação, nas batalhas de MCs é relativamente comum ouvir rimas machistas e misóginas. Quando são dois homens batalhando, dificilmente esses discursos serão problematizados de maneira categórica. Ao mesmo tempo, são ambientes que intimidam muitas mulheres que gostariam de rimar nas ou assistir as batalhas.

As batalhas de *rap* são frequentadas majoritariamente por jovens do sexo masculino. Contemplados na narrativa da maior partes dos *raps* produzidos, esses jovens carregam ao mesmo tempo forte caráter de contestação social em questões como classe e etnia em suas rimas (MORENO e ALMEIDA, 2009) e uma dificuldade em reconhecer luta análoga no tocante de gênero. É comum ver MCs e públicos que não conseguem dar conta da existência de questões específicas das vidas das mulheres. Como destaca Matsunaga em sua conclusão:

O hip hop reivindica um reconhecimento identitário positivado, alicerçado na positivação da negritude e da periferia (ainda que estes se sobreponham em muitos casos), apresentando em seu discurso, para a efetivação desta positivação, discriminações de gênero que reforçam o discurso geral/público sobre a mulher. O sentimento e a tentativa de inclusão reiteram, portanto, em relação à distinção de gênero, a supremacia masculina. A tentativa de reverter este quadro está presente, principalmente, no discurso das mulheres que fazem parte do movimento e reivindicam para si outras representações e relações. Elas apontam, portanto, que o hip hop pode se configurar de outra maneira, mas isto dependerá de suas lutas, das reflexões e dos debates (MATSUNAGA, 2006, p. 183)

Os MCs masculinos não conseguem reconhecer o que Simone de Beauvoir chama de Outro, quando diz que “a mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o outro” (BEAUVOIR, 1970, p.10).

Não só há a dificuldade em conceber as lutas diárias na vida das mulheres, mas também em juntar a consciência de gênero à consciência de raça. Se é rara a reflexão sobre as questões de gênero, é mais raro ainda o pensamento de que essa luta se soma às outras opressões estruturais e como essas violências se dão contra mulheres negras. Como destaca Crenshaw (1991) em seu artigo, em tradução livre: “as experiências de mulheres negras são frequentemente produto da intersecção de fatores racistas e sexistas, e essas experiências tendem a não ser representadas nem pelo discurso feminista nem pelo discurso antirracista.” (p.1243-1244) E, infelizmente, em batalhas de MCs, essas questões são frequentemente ignoradas, salvo quando há mulheres negras batalhando.

Como identificou Rosa (2006), ao estudar a masculinidade no *rap*:

[...] os termos da masculinidade e as representações de gêneros são utilizados para explicar e exercer controle sobre a realidade social. As dimensões sociais da masculinidade negra e os papéis do racismo na conformação dos papéis de gênero nos indicam para a limitação da virilidade como elemento explicativo do comportamento masculino. (ROSA, 2006, p.9)

Cabe destacar que as características aqui registradas não são tão latentes e as relações de causa-efeito não são tão explícitas. Rimas opressoras em batalhas não são exatamente novidade - registros de vídeos antigos de batalhas de Emicida em 2006<sup>2</sup> já mostram o quanto o discurso direcionado à mulher a subjuga e menospreza por características que nem são percebidas em homens - e não é de hoje que há mulheres rimando, questionando e lutando contra essa realidade. É difícil quantificar os resultados das lutas das mulheres do *rap* em outros tempos, mas é sensível que o gênero é hoje uma questão mais em pauta nesse meio e que esse processo vem se intensificando tanto no *rap* com alcance de massa quanto nas batalhas de *MC*. A cultura *hip hop*, mantendo-se fiel às suas origens, deve se atualizar quanto à questão de gênero para se manter atual quanto às lutas que ocorrem ao redor do mundo.

É importante, então, a presença das mulheres nas batalhas de *MCs*, seja organizando, competindo ou assistindo. A Batalha das Gurias é organizada por mulheres e apenas mulheres participam. Acontece cada mês em uma RA, exatamente para que novas mulheres entrem em contato com a cultura *hip hop* e para que seu trabalho seja melhor difundido. Na Batalha da Escada, que também conta com mulheres em sua gestão, duas das dezesseis vagas a serem sorteadas são reservadas para mulheres, como uma espécie de ação afirmativa.

Há mulheres que não voltam em batalhas depois de ouvirem discursos opressores por parte dos *MCs*. Na contramão deste movimento, toda vez que uma batalha é restrita a mulheres, nota-se que muitas outras mulheres se sentem à vontade para se arriscar a rimar em uma batalha pela primeira vez. É crucial que sejam criados espaços onde a mulher seja e seja apoiada por outras mulheres, pois é desse ambiente que saem denúncias que jamais serão trazidas à luz pela iniciativa dos homens. É um processo análogo à ideia que traz Lorde, quando fala que as ferramentas do senhor nunca vão dismantelar a casa grande: os instrumentos para destruir dinâmicas de opressão não serão oferecidos pela boa vontade daqueles em posições de poder em tal opressão (LORDE, 1984).

Em sua investigação sobre as mulheres no mundo do *hip hop*, Matsunaga (2006) crava:

Quando o rap é protagonizado por mulheres, a matriz discursiva muda e ocorre uma reordenação de valores e dos valores atribuídos à categoria de gênero. O discurso de enfrentamento deixa de ser um valor de masculinidade e vincula-se à posição da mulher. [...]

---

<sup>2</sup> - [https://www.youtube.com/watch?v=jx7\\_vY4hjCA](https://www.youtube.com/watch?v=jx7_vY4hjCA)

Ao negar o ideal de passividade feminina no rap as mulheres inserem uma fala dissidente sobre a contribuição da mulher nas lutas de independência e pela liberdade. [...]

Não é raro ouvir, em batalhas de *MCs*, versos que tentam atacar o/a adversário/a se apoiando em ideias sexistas e misóginas. É uma prática comum, seja usando ironicamente a flexão de gênero nas frases, seja comparando à maneira que mulheres fazem as coisas, ou seja ainda um ataque direto às mulheres familiares do adversário. Na Batalha da Escada, porém, esse tipo de atitude não é bem vista e tende a não passar despercebida. *MCs* que versam tais tipos de ideia por vezes são vaiados e até abandonam a batalha antes do fim. Na BDG, nem chega a acontecer. Ambientes com mais mulheres acompanhando as batalhas e mais mulheres batalhando quebram esses discursos que, quando não são aplaudidos, são negligenciados e passam batidos.

Esse tipo de postura, divergente do discurso anterior e afirmativo quanto a pauta própria, tira do homem o monopólio que ele costuma ter do discurso. Põe em uma posição vulnerável quem geralmente está em uma situação de poder ao apontar as fragilidades de seu discurso. E permite que as mulheres que estão assistindo a batalha se manifestem em reprovação aos discursos do outro *MC*, quando julgam que ele falou algo mal-pensado.

A mulher ocupando esses espaços - seja participando, organizando, assistindo ou frequentando - traz a ambientes intrinsecamente sexistas os questionamentos de gênero e permite transformações profundas nos presentes, estejam eles participando, organizando, assistindo ou frequentando.

## 6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A ideia de fazer um documentário que aliasse a entrevista ao contexto do *rap* abordando a Batalha da Escada surgiu quando cursei a disciplina Pré-Projeto em Comunicação com o professor Wladimir Gramacho no segundo semestre de 2015. O processo de dois anos entre o surgimento da ideia e a confecção do produto permitiu um amadurecimento sobre questões referentes ao formato, a produção e a distribuição do filme.

Nesse meio-tempo estagiei na UnBTV, o que permitiu conhecer melhor a dinâmica de produção de conteúdos audiovisuais jornalísticos. Esse fato colaborou também para resolver entraves quanto à equipe e equipamentos necessários para o documentário.

Nesses mais de dois anos de existência da Batalha também surgiram - em conversas com mais amigos mas também em grupos de pesquisa (como o do professor Pedro Russi sobre grafite e pixação na Faculdade de Comunicação) – discussões a partir do projeto referentes a questões como opressões, democratização da comunicação, ocupação do espaço público e a própria UnB.

Ao longo do semestre, o projeto envolveu as etapas de consolidação do formato, pesquisa dos personagens a serem entrevistados, pré-produção, produção e pós-produção. Na pré-produção foram resolvidas questões quanto ao roteiro de trabalho, à equipe, aos equipamentos utilizados e à logística entre estes elementos. Após as gravações e apuração de material de arquivo (produção), a etapa da pós-produção envolveu os processos de decupagem, montagem do roteiro do filme, edição e distribuição.

### 6.1 FORMATO

A proposta inicial, em 2015, era juntar discussões sobre diferentes temas a partir da Batalha da Escada em formatos de curta ou média-metragem, que poderiam ser tanto aglutinados em um longa-metragem quanto em episódios de uma série.

Desde o início a produção foi voltada para a distribuição na *web*, com foco no canal o *YouTube* da Batalha da Escada e com indicações de uso de ferramentas para além do filme que essa e outras plataformas *online* propiciam: *hiperlinks*, cartões, diálogo com outras redes sociais, divulgação para compartilhamento etc.

Para a entrega do Trabalho de Conclusão de Curso, a proposta ao início do semestre - 2º/17 - era entregar os quatro episódios iniciais da série, produzidos a partir de entrevistas realizadas na Batalha da Escada, na Faculdade de Comunicação, na Reitoria da

UnB e em outras batalhas espalhadas pelo Distrito Federal. As entrevistas seriam sobre sete pautas principais: a) origem da Batalha da Escada; b) relação com a UnB; c) ocupação do espaço público; d) a economia colaborativa criada no evento; e) opressões de gênero, de classe e étnicas; f) lixo; e g) quem são os músicos envolvidos nessa cena de batalhas do DF. No entanto, tal meta poderia prejudicar o produto final a partir do momento que um grande material de entrevista deveria ser trabalhado em um período breve de tempo por uma equipe curta.

O formato final decidido foi aquele que mais se destacava na relação custo-benefício a partir das pessoas e datas envolvidas nesse projeto. Seria produzido o episódio piloto de uma série, com duração entre 17 e 23 minutos, produzido a partir de entrevistas, imagens de cobertura e eventuais imagens de arquivo que se mostrarem necessárias. As pautas foram reduzidas para quatro: a) a Batalha da Escada, sua origem, suas características e seus desdobramentos; b) a relação com a UnB, seu propósito, suas extensões e sua relação com a comunidade; c) ocupação do espaço público e o caráter social vinculado ao *rap* e às Batalhas de MC; e d) opressões, principalmente a de gênero, sistemáticas que se manifestam na sociedade, na UnB e nas batalhas.

A adaptação final que o projeto passou para se adequar à realidade do semestre foi apresentar como produto para conclusão de curso o primeiro corte do filme no lugar de sua versão final e definitiva.

## **6.2 PERSONAGENS**

O levantamento sobre os possíveis personagens a serem entrevistados indicou nichos onde eles podem ser encaixados.

Primeiramente, há dois grupos: comunidade universitária e comunidade externa. A comunidade externa abrange basicamente pessoas sem vínculo institucional com a UnB que vêm para batalhar, assistir às batalhas e/ou realizar comércio ambulante. A comunidade acadêmica abrange pessoas com vínculo institucional - alunos, servidores, técnico-administrativos, professores, pesquisadores, terceirizados e trabalhadores de bancas e quiosques - com a UnB que vêm para batalhar, assistir às batalhas, realizar comércio ambulante, trabalhar e/ou estudar.

A partir desses nichos, os personagens foram selecionados para responderem de três a sete perguntas em ambientes que dialogassem com os temas. Em datas distintas,



foram gravadas entrevistas com 15 pessoas. Os personagens falaram sobre os vários eixos, permitindo uma construção de discurso menos limitada a nichos.

Da organização da Batalha da Escada, foram entrevistados Raphael “Steigleder”, André “Good” Beserra, Joaquim “Coajim” Barbosa, Thales “Thalvez” Alves, Karolyne “Lorak” Tuyane e Leonardo Matheus. Representando institucionalmente a UnB foram entrevistados: Olgamir Amâncio, Decana de Extensão; Márcio Florentino, professor Adjunto do DEX, Fernando Oliveira Paulino, Diretor da Faculdade de Comunicação; Márcia Marques, orientadora do projeto de extensão Batalha da Escada e Luiz Fernando, segurança da UnB.

Para discutir a Batalha, pegamos opiniões daqueles que participam e frequentam o evento. Os MCs entrevistados foram Mae e Cardoso – organizadores da Batalha do areal -, Bender e Ju – organizadora da Batalha das Gurias -, além da Lorak. Já Anandha, que não compete nas batalhas, foi entrevistada por ser frequentadora do evento desde o início. A intenção é que nos próximos episódios sejam entrevistadas mais pessoas de cada nicho.

### 6.3 PRÉ-PRODUÇÃO

Tecnicamente, a pré-produção durou dois anos. Após sondagens para participar da equipe, pesquisa sobre possibilidades de equipamentos e locais e reflexões sobre justificativa, montagem de roteiro e consolidação da cara final do projeto, começar o semestre da derradeira produção do documentário foi relativamente simples.

Foram abordadas dez pessoas para compor a equipe exercendo funções como cinegrafista, editor, som direto, tratamento de som, auxiliar de produção e arte. A realidade da produção independente, porém, não permitiu o devido retorno financeiro por esse trabalho (que, tratando-se das pessoas abordadas, é de qualidade profissional) e conflitos de agenda não permitiram a participação da maior parte da equipe, ainda que interessados.

Com o desenrolar do projeto, a equipe reduziu. A determinado momento, era basicamente eu e Raphael Steigleder acumulando todas as funções em busca de um corte final, tendo que conciliar com o resto do semestre e o TCC dele, que nada tem a ver com este. Atividades como a Semana Universitária<sup>3</sup> e o Encontro Nacional dos Estudantes de Comunicação alteraram a programação e atrasaram a entrega do produto final.

---

<sup>3</sup> A Semana Universitária durou mais que uma semana para a Batalha da Escada. Em parceria com o DEX, o coletivo organizou e realizou batalhas em todos os *campi* da UnB e no IFB da Estrutural, além de atividades e apresentações da derradeira semana, em outubro. A experiência foi registrada no vídeo “Para além da Escada” (link: [https://www.youtube.com/watch?v=Qtkvax\\_X71Q](https://www.youtube.com/watch?v=Qtkvax_X71Q))

<sup>4</sup> Ver **Apêndice**

A pré-produção envolveu então, basicamente, em objetivar as demandas em um roteiro (6.3.1), organizar quem iria operar quais equipamentos (6.3.2) em quais datas e sob qual logística (6.3.3).

### 6.3.1 ARGUMENTO

A partir da ideia montou-se um argumento que tanto guiou as ideias quanto os trabalhos. Trata de um filme de 20 minutos que ponha diferentes agentes da Batalha da Escada em diálogo. A partir de diferentes perspectivas, seus depoimentos trazem relatos e reflexões sobre e acerca do projeto, sua ideia, sua origem, sua execução, suas conquistas e seus desdobramentos. Estes 20 minutos ambientam tal evento e separam 3 blocos temáticos: a origem da Batalha da Escada, a relação com a UnB e a questão de gênero. Tal filme serve de piloto para possíveis futuros episódios de uma mesma série.

Do argumento indicou-se uma espécie de roteiro que incluiu as indicações de que dias seriam usados para gravar, quais localidades seriam visitadas nesses dias, quais os personagens entrevistados, quem integraria a equipe e qual seria o equipamento utilizado.

O roteiro também foi utilizado para guiar as gravações. Nele, estavam divididos as partes do episódio piloto da série documentário. O roteiro previa uma introdução com imagens do traslado do equipamento e montagem dos equipamentos; um primeiro capítulo tratando da Batalha da Escada, sua origem, sua organização e seus desdobramentos; um segundo capítulo tratando da UnB, seus agentes e sua relação com a sociedade e os agentes externos à comunidade universitária; e um terceiro capítulo dedicado a discutir a questão de gênero nas batalhas de *hip hop*.

### 6.3.2 EQUIPE E EQUIPAMENTOS

Ao longo do projeto, diferentes pessoas operaram diferentes equipamentos. Este documentário, assim como a Batalha da Escada, uniu diferentes áreas da UnB: o coletivo Batalha da Escada, a Faculdade de Comunicação e a UnBTV.

Quem mais gravou foi Raphael Steigleder, membro da gestão e estagiário como cinegrafista na UnBTV. Em parceria com o CPCE, ele utilizou Sony NxCam - qualidade em imagens com movimento ou com baixa luz e áudio de qualidade - para grande parte de suas imagens, além de equipamentos de som e iluminação. Além disso, utilizou equipamento DSLR próprio, costumeiramente usado para captar imagens das batalhas.

Lucas Cândia, comunicador organizacional formado pela FAC e integrante do coletivo Batalha da Escada, também colaborou na captação das imagens, utilizando equipamentos de iluminação, som e câmera (DSLR) próprios. Gabriel Cantarelli, estudante de Publicidade, captou imagens através de seu iPhone 7 - qualidade 4K, áudio bom e mobilidade.

### **6.3.3 PLANEJAMENTO**

Ao começo do semestre, a intenção era fazer já a primeira temporada da série, com um episódio de introdução e outros quatro episódios discorrendo cada um sobre um tema. Além de gravar entrevistas no Teatro de Arena e na UnB, a proposta era visitarmos também as várias batalhas espalhadas pelas RAs do DF. Após a primeira sondagem de pessoas para integrar a equipe, mostrou-se uma proposta inviável pela alta demanda de equipamentos e pessoas para dispor seu tempo de graça. A cada dia que se passou nesse primeiro momento ficou mais claro de que, para ser um filme viável em seis meses, teria de ser uma equipe mais enxuta, mais confiável e trabalhando em menos datas e locais.

O segundo planejamento levou em consideração pessoas e equipamentos que estão, invariavelmente, na Batalha da Escada quarta-feira ou ao redor. Stei usa sua câmera própria para registrar as batalhas, além de estagiar na UnBTV até às 18h, horário em que a Batalha começa. Não apenas conveniente como operacional, uma vez que a diretora Neuza Meller gentilmente permitiu que usássemos equipamentos da UnBTV para filmar. Lucas Cândia também é encarregado de captar imagens das batalhas, então já estaria no local. E Cantarelli estuda na UnB, trabalha logo ao lado na Asa Norte e filmaria em seu celular. Este planejamento previa a captação das imagens para a segunda quinzena de outubro e a edição do material para novembro.

No meio de setembro, porém, percebemos que chegava a época de chuvas, o que poderia comprometer a realização da Batalha.. Decidimos então antecipar o máximo possível as datas de gravação. Aglutinamos as entrevistas em menos dias com o objetivo de otimizar o uso dos equipamentos. Nos planejamos para começar mais cedo e terminar mais tarde, rendendo mais material. Com isso em mente, reunimos os personagens em nichos, o que facilitou o trabalho. O primeiro passo ideal seria já entrevistar o corpo docente nas dependências da UnB. Depois, levar os equipamentos às quartas-feiras para a BdE e entrevistar todos os nichos restantes.

## 6.4 PRODUÇÃO

No primeiro dia de gravações (segunda feira, 25/09) cobrimos a parte institucional da UnB. Depois de pegar na UnBTV os equipamentos necessários - câmera, microfone, luz, cabos, extensões e baterias - às 13h, eu e Stei entrevistamos Fernando de Oliveira Paulino na Faculdade de Comunicação às 14h. Às 16h30, ajudados por Good (membro do coletivo Batalha da Escada), entrevistamos a Decana de Extensão Olgamir e o professor Márcio no Decanato de Extensão, no prédio da Reitoria. Para fechar esse dia, entrevistamos a professora Márcia Marques na Colina, onde ela mora.

Na quarta-feira dessa mesma semana, a Batalha da Escada foi realizada na FCE, o campus de Ceilândia da UnB. Um bom lugar e um bom momento para discorrer sobre a relação entre a Universidade e a periferia e sobre a questão da Extensão. Lá foi realizada a entrevista com Leonardo Matheus – que além de integrante da gestão da Batalha da Escada, é estagiário do Decanato de Extensão - a partir dos equipamentos do Lucas Cândia.

Na primeira quarta-feira de outubro (04/10) juntamos a NXCAM e o iPhone 7 para gravarmos na própria Batalha da Escada. Nesse dia foram realizadas entrevistas com os membros do coletivo Batalha da Escada Stei, Good, Lorak; com os MCs Bender, MC Maoe e MC Cardoso; e Anandda, que frequenta a Batalha. Também foram captadas imagens do transporte, montagem e manuseio do equipamento, além de imagens da organização e da realização de uma edição da Batalha da Escada.

Na quarta-feira seguinte, eu e Cantarelli entrevistamos o membro do coletivo Joaquim Barbosa, o segurança da do ICC Luis Fernando e captamos mais imagens de cobertura. Ao final do mês, no dia 25/10, a Batalha da Escada foi realizada em parceria com o Decanato de Extensão. Stei, munido da NXCAM, captou imagens de cobertura.

Além disso, auxiliado por Cândia, revirei imagens de arquivo da Batalha, especialmente o material da segunda visita do *rapper* Neto, do projeto Síntese, à Batalha da Escada. Essas imagens de arquivo somadas às imagens captadas ao longo dos meses de setembro e outubro era um volume satisfatório de material frente ao que o documentário se propunha.

## 6.5 PÓS-PRODUÇÃO

A fase pós-produção envolve etapas anteriores e posteriores à apresentação deste trabalho. A realidade da produção transformou em objeto deste trabalho o seu primeiro corte, não seu produto final. Portanto este memorial registra as etapas realizadas e estabelece os objetivos para as partes a serem realizadas. As etapas já cumpridas foram a decupagem, a construção do roteiro e a edição, no que tange a montagem. A finalização, ironicamente, foi apenas iniciada. Como o projeto foi o primeiro documentário deste tamanho com que cada um dos envolvidos teve contato, há várias questões a serem melhoradas antes de dar o projeto como encerrado. Opiniões de pessoas com mais experiência tanto em documentário como em filmes de maneira geral são cruciais para a divulgação do melhor trabalho possível - o que dialoga com a importância dos membros da banca, essencial neste processo de finalização, pelas orientações que serão apresentadas por especialistas do campo a partir da análise do material.

### 6.5.1 DECUPAGEM

Todo o material bruto captado em vídeo foi assistido nas ilhas de edição da UnBTV. Cada cena era avaliada em qualidade quanto ao que é mostrado e quanto ao que é dito. Os trechos mais interessantes das entrevistas foram selecionados e destacados quanto ao capítulo que melhor se encaixa. As imagens que ilustram bem o que foi dito nos trechos selecionados das entrevistas foram separadas para serem usadas como imagens de cobertura. O material decupado foi separado no *software* de edição e registrado em caderno para facilitar o rascunho entre as cenas que indicariam o roteiro de montagem.

### 6.5.2 ROTEIRO

O roteiro foi montado adaptando a ideia inicial, evoluindo entre as três pautas e amarrando as entrevistas. A partir do material decupado, eu e o editor Stei chegamos à proposta de roteirizar o filme em cinco momentos:

**Introdução** - A primeira parte mostra o *rapper* Neto em apresentação do Síntese na Batalha da Escada. Ele fala sobre o significado do *rap* e sobre a experiência sobre a Batalha da Escada. Depois, um trecho da entrevista com Stei (eu operava a NXCAM nesse

momento) serviu de *lide* para explicar, em poucas linhas, do que se trata a Batalha da Escada. Para finalizar, um *solo* de gaita captada na própria Batalha durante a montagem, serviu como trilha sonora para uma cena onde os integrantes do coletivo transportam e montam os equipamentos para que se inicie mais uma edição da BdE

**Capítulo I - Primeiros degraus** - O primeiro capítulo é dedicado a contar a história da Batalha da Escada, sua origem, sua evolução e suas conquistas. É o momento em que mais aparecem depoimentos dos integrantes da gestão, principalmente os que já acompanham o projeto há mais tempo. Imagens da Batalha são usadas para ajudar a ilustrar o trabalho do coletivo. Ao final do capítulo, Olgamir e Paulino - Decana de Extensão e Diretor da FAC - aparecem introduzindo a ideia de que o crescimento do coletivo que desenvolve a BdE estreitou os laços com a UnB - culminando na parceria para a Semana Universitária.

**Capítulo II - UnB e extensão** - Vários personagens de vários nichos dão depoimento sobre a UnB, seu propósito e a relação de cada um com ela. Olgamir e Paulino, Decana e Diretor, representam as altas instâncias institucionais. Márcia Marques aparece completando a representação do corpo docente, sendo ela a professora responsável pela BdE no DEX. Os integrantes do coletivo também falam, além de MCs - Mae e Cardoso - e do segurança do ICC Luis Fernando.

A investigação se propõe a ver como cada uma destas partes enxerga tanto a BdE quanto a UnB, além de investigar como a BdE ajuda a cumprir uma das funções primordiais da Universidade, que é a Extensão - principalmente no que se refere à missão de estreitar laços entre a Universidade (e a comunidade acadêmica) com o resto da sociedade.

**Capítulo III - Mulheres na batalha** - O terceiro capítulo se propõe a investigar as relações de gênero no *rap*, principalmente nas batalhas de MCs e na BdE. É voz é praticamente só das mulheres, à exceção de um contraponto que pareceu pertinente. Elas falam da realidade e das dificuldades de ser uma mulher em um ambiente predominantemente masculino e bastante misógino.

**Créditos** - Para exibir como cena dos créditos, separamos um momento em que MCs da BdE fazem um *freestyle* com o Neto. O momento conta com *beatbox* feito por Lucas Valentim, nosso querido amigo e ex-integrante do coletivo BdE que infelizmente faleceu em acidente de trânsito esse ano.

### 6.5.3 EDIÇÃO

A primeira etapa da edição foi a montagem, colocando as imagens decupadas em uma ordem que sustentasse um discurso. Até este momento, ainda considerávamos gravar novas entrevistas ou narrações em *off* para conduzir o filme, mas as entrevistas dialogaram de maneira satisfatória e tal decisão não foi necessária. A etapa da montagem também permitiu filtrar o vasto material - o material decupado somava mais de uma hora de duração, o material gravado total somava mais de 90GB. Determinados trechos puderam ser reduzidos, suprimidos ou mudados de ordem para construir coesão e coerência com os demais trechos.

A edição do primeiro corte foi feita, em grande parte, pelo Stei em diálogo comigo. Para o primeiro corte privilegamos uma montagem mais focada na ordem e nas sonoras, para que tudo que estivesse em tela fosse relevante e colaborasse para que o filme tivesse substância. Não foi pensado, até esse momento, grande parte das transições e decisões sobre a trilha sonora, efeitos de transição ou identidade visual para o texto. Não é o caso, porém, destes elementos não terem sido pensados; só preferimos não trazer para o primeiro corte decisões tomadas sobre estes elementos e ouvir outras opiniões.

Lucas Cândia também colabora na edição, ajudando na finalização das transições e fazendo as artes, principalmente a da abertura, as transições de capítulos e GCs de identificação. Outrora ocupado com seu próprio TCC sobre direitos autorais e *hip hop*, Joaquim Barbosa (o DJ Coajim) também colabora para a trilha sonora original do filme.

### 6.5.4 DISTRIBUIÇÃO

O filme foi pensado para compor o canal do *youtube* da Batalha da Escada. Com certeza a versão final, com trilha sonora e identidade visual definitivos, serão *upados* lá e legendados em português. À sugestão de Fernando Oliveira Paulino, estamos considerando a possibilidade de inscrever o filme em festivais nacionais, como o Festival de Brasília, e até internacionais. Nesse sentido, pode ser que sua disponibilização ao público seja adiada, devido ao fato que é recorrente festivais pedirem ineditismo da obra como critério de inscrição. Com esse tempo disponível para trabalho, providenciaremos também legendas em inglês para quando o filme for liberado na *internet*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazer um documentário não foi fácil. A realidade de uma equipe reduzida - e que não tinha experiência em fazer esse tipo de vídeo - trouxe desafios inesperados ao planejamento. Mas também provou que um filme não depende de grandes equipes e orçamentos gigantescos - e que essas carências podem ser supridas com dedicação e crença no produto, além dos aprendizados quanto a procedimentos e métodos adquiridos ao longo do curso, seja com o ensino na academia, seja com o estágio na UnBTV.

O primeiro corte superou nossa expectativas quanto ao que poderia ser e o resultado final ficará ainda melhor. Com o devido *feedback* da banca e com um tempo um pouco maior para poder revisar as deficiências do filme, o produto final a ser disponibilizado para o público e inscrito em festivais será algo de qualidade notável.

O projeto cumpriu aquilo a que se propôs: pôs vários dos agentes envolvidos com esse projeto para dialogarem sobre pautas levantadas a partir desse projeto. Os depoimentos selecionados contribuem para o melhor entendimento de quem assistir o filme, independente do grau de envolvimento anterior que essa pessoa tem com batalhas de *MCs*.

O projeto também ajudou na pesquisa para os próximos episódios da série. Gravar entrevistas com tantos nichos diferentes sobre três pautas diferentes exigiu um esforço considerável. Conciliar raciocínios sobre pautas diversas em um único episódio é uma missão que pode ser evitada nos próximos vídeos. Concentrar uma pauta por episódio permitirá juntar mais depoimentos e, conseqüentemente, aprofundar melhor a discussão.

A partir dessas reflexões, sugere-se que, para a sequência deste episódio piloto, sejam gravados outros quatro episódios para complementar essa temporada de documentários. Dentro e fora da UnB, gravando entrevistas com estes e novos personagens, é possível fazer mais quatro bons vídeos sobre questões como o racismo, a economia que é proporcionada pela batalha, a questão das drogas nos espaços, a realidade das outras batalhas e a questão do lixo no espaço.



## **ANEXOS**

## APÊNDICES

DOC BdE: PLANEJAMENTO

### CRONOGRAMA:

#### Semana 1 (11/09 - 17/09)

- 1.1 Até quarta: mapeamento de pessoas (entrevistas e equipe), locais e equipamento
- 1.2 Até sexta: levantamento da disponibilidade; produção a partir do 1.2
- 1.3 Redigir **15 laudas** da memória (referenciais: memória do Bachir, memória Uma Página por Dia, Comunicação e Música do Clodo Ferreira
- 1.4 Batalha na **Estrutural**. Captar imagens

#### Semana 2 (18/09 - 24/09)

- 2.1 Contato final para fechar logística de **cada data**, com **equipe e entrevistados**. Alinhar também **equipamento**.
- 2.2 Finalização do **cronograma**. Começo dos estudos dos quadros, sons, transporte [etc]; fechamento dos roteiros.
- 2.3 Redigir **20 laudas** (total 35) da memória
- 2.4 Batalha na **FCE**. Captar imagens

#### Semana 3 (25/09 - 01/10)

- 3.1 Conclusão da **pré-produção**. Aqui estarão resolvidos: **roteiro; quem capta com que equipamentos (video e som) em cada data**, já resolvida a coesão entre os planos, os transportes [etc]
- 3.2 Batalha na **FUP**. Captar imagens. Resolver no roteiro as batalhas itinerantes.
- 3.3 Redigir **20 laudas** (total 55) da memória

#### Semana 4 (02/10 - 08/10)

- 4.1 Deixar tudo encaminhado para rodar entrevistas na **semana 6**.
- 4.2 Pegar o equipamento para captar no Enecom na **semana 5**.
- 4.3 Redigir **20 laudas** (total 75) da memória

#### Semana 5 (09/10 - 15/10)

- 5.1 sex-ter: em BH. Agilizar o que for possível de roteiro, parte escrita, logística e intimidade com os equipamentos.
- 5.2 qua-dom: **Enecom**. Captar som e video

#### Semana 6 (16/10 - 22/10) (férias na TV até dia 27)

- 6.1 ter: benzer pra começar a semana intensa
- 6.2 qua: **Batalha da Escada** Entrevistas com: ; Equipe: ; Equipamentos: .
- 6.3 qui: **Batalha do Relógio** Entrevistas com: ; Equipe; Equipamentos: .
- 6.4 sex: **Batalha do Paranoá** Entrevistas com: ; Equipe: ; Equipamentos: ;
- 6.5 sab: **SobradoFight** Entrevistas com: ; Equipe: ; Equipamentos: ;

### **Semana 7 (23/10 - 29/10)**

- 7.1 dom **Batalha do Museu** Entrevistas com: ; Equipe: ; Equipamentos: .
- 7.2 seg **UnB** Entrevistas com: ; Equipe: ; Equipamentos: ;
- 7.3 ter **UnB** Entrevistas com: ; Equipe: ; Equipamentos: ;
- 7.4 qua: **Batalha da Escada** Entrevistas com: ; Equipe: ; Equipamentos: .
- 7.5 qui **Relógio, UnB** ou **descanso** Entrevistas com: ; Equipe: ; Equipamentos: .
- 7.6 sex **Batalha da Estação**, Entrevistas com: ; Equipe: ; Equipamentos: .
- 7.7 sáb **Batalha do Neurônio** Entrevistas com: ; Equipe: ; Equipamentos: .

### **Semana 8 (30/10 - 05/11)**

- 8.1 dom **Batalha das Gurias** Entrevistas com: ; Equipe: ; Equipamentos: .
- 8.2 Início da decupagem. Resolução dos arquivos com editores.
- 8.3 Resolução da memória

### **Semana 9 (06/10 - 12/11)**

- 9.1 **Edição** partes I e II
- 9.2 Resolução da memória

### **Semana 10 (13/10 - 19/11)**

- 10.1 Edição partes II e III
- 10.2 Início da divulgação da Parte I (teaser)
- 10.3 Resolução memória. Resolução apresentação

### **Semana 11 (20/10 - 27/11)**

- 11.1 Edição partes III e IV
- 11.2 Divulgação partes I e II
- 11.3 **Finalização** Parte I - e uhncaminhá-la para plataformas
- 11.4 **Finalização** Memória

### **Semana 12 (28/11 - 04/12)**

- 12.1 Edição parte IV
- 12.2 Divulgação partes II e III
- 12.3 Finalização Parte II - encaminhá-la para plataformas
- 12.4 **Apresentação** de banca
- 12.5 **Lançamento** da Parte I

### **Semana 13 (05/12 - 11/12)**

- 13.1 Divulgação partes III e IV
- 13.2 Finalização parte III - encaminhá-la para plataformas
- 13.3 **Lançamento** da Parte II

### **Semana 14 (12/12 - 18/12)**

- 14.1 Divulgação parte IV
- 14.2 Finalização parte IV - encaminhá-la para plataformas
- 14.3 **Lançamento** da Parte III

## Semana 15 (19/12 - 25/12)

### 15.1 Lançamento da Parte II

#### ENTREVISTADOS:

##### LISTADOS:

- 5.2 Galera do Enecom
- 6.2 Stei, Coa, Lorak, Cenoura, Thiago, Good, Além, Thales, Ju, Lis, Bender, Bru, Brunnão, Mayk, Sensei, Maneco
- 6.3 Bender, Dreka, Maeo, Cardoso, Caduco, Nauí, Meleca, Biro-Biro, Alves, Dejah, Zen, Fernandes, Maneco
- 6.4 Os mlq lá que eu não conheço
- 6.5 Matt
- 7.1 Todos os anteriores possíveis
- 7.2 Márcia, Paulino, Pedro Russi, Olgamir, Uruanan, Garotinha, Felipe, alunos, galera do curta,
- 7.3 Idem ao 7.2
- 7.4 Idem ao 6.2
- 7.5 Idem ao 7.2
- 7.6 Cedric, Dreka, quem massa estiver presente
- 7.7 Biro-biro, Nauí, Maneco, Meleca, TR
- 8.1 Ju, Bru, Lis, Lorak

#### #1: UnB 1

- **Quem:** Good e Além [1][2][3]; Laio e Thiago[2][3]; RZA e Marcelinho[3]
- **Porquê:** Good e Além tiveram o insight no CA, depois levaram pra mangueira onde Laio e Thiago estavam presentes, depois foi pra Escada, onde a RZA ganhou a primeira e Marcelinho estava presente
- **Sugestão de onde:** CA[1], mangueira[2] e Escada[3]
- **Sugestão de perguntas**
- **Sugestão na narrativa:** começo da parte I (origens)

#### #2: UnB 2

- **Quem:** Márcia[1], Paulino, Pedro Russi[2], Uruanã, Garotinha[3], Olgamir, Léo, Márcio[4]
- **Porquê:** Márcia é a orientadora do projeto de extensão, feito pela FAC, da qual Paulino é Diretor e Pedro Russi, professor. Uruanã é segurança da UnB e a Garotinha trabalha no Ceubinho. Olgamir, Léo e Márcio são, respectivamente, decana, estagiário e chefe de gabinete [?] do DEX
- **Sugestão de onde:** Colina [1], FAC [2], Ceubinho [3], DEX [4]
- **Sugestão de perguntas:** Márcia
- **Sugestão na narrativa**

#### #3: Batalha da Escada 1

- **Quem:** Stei, Coajo, Lorak, Mari, Good, Além, Thales, Cândia, Thiago, Cenoura, Docinho, Brunnão, Xamã, Rafa
- **Porquê:** Galera que toca a batalha, mostrar os bastidores
- **Sugestão de onde:** estúdio A da FAC, estúdio de rádio da FAC, Teatro de Arena
- **Sugestão de perguntas**
- **Sugestão na narrativa:** abertura da Parte I; outros momentos

#### **#4: Batalha da Escada 2**

- **Quem:** Ju, Lis, Bender, Bru, Mayk, Sensei, Maneco, Dreka, Maeo, Cardoso, Caduco, Nauí, Meleca, Biro-Biro, Zen, Fernandes; qlqr MC daora na Escada
- **Porquê:**
- **Sugestão de onde:** Teatro de Arena quarta-feira 18h
- **Sugestão de perguntas**
- **Sugestão na narrativa**

#### **#5: Batalha do Relógio**

- **Quem:** Bender, Dreka, Maeo, Cardoso, Caduco, Nauí, Meleca, Biro-Biro, Alves, Dejah, Zen, Fernandes, Maneco
- **Porquê**
- **Sugestão de onde**
- **Sugestão de perguntas**
- **Sugestão na narrativa**

#### **#6: Batalha do Paranoá**

- **Quem**
- **Porquê**
- **Sugestão de onde**
- **Sugestão de perguntas**
- **Sugestão na narrativa**

#### **#7: SobradoFight**

- **Quem**
- **Porquê**
- **Sugestão de onde**
- **Sugestão de perguntas**
- **Sugestão na narrativa**

#### **#8: Batalha do Museu**

- **Quem**
- **Porquê**
- **Sugestão de onde**
- **Sugestão de perguntas**
- **Sugestão na narrativa**

#### **#9: Batalha da Estação**

- **Quem** Cedric, Dreka, quem massa estiver presente
- **Porquê**
- **Sugestão de onde**
- **Sugestão de perguntas**
- **Sugestão na narrativa**

**#10: Batalha do Neurônio**

- **Quem** Biro-biro, Nauí, Maneco, Meleca, TR
- **Porquê**
- **Sugestão de onde**
- **Sugestão de perguntas**
- **Sugestão na narrativa**

**#11: Batalha das Gurias**

- **Quem** Ju, Bru, Lis, Lorak
- **Porquê**
- **Sugestão de onde**
- **Sugestão de perguntas** PESAR NA DO GÊNERO
- **Sugestão na narrativa** PESAR NA DO GÊNERO

**#12: ENECOM**

- **Quem**
- **Porquê**
- **Sugestão de onde**
- **Sugestão de perguntas**
- **Sugestão na narrativa**

**#13:**

- **Quem**
- **Porquê**
- **Sugestão de onde**
- **Sugestão de perguntas**
- **Sugestão na narrativa**

**EQUIPE:**

**VIDEO:**

**#1**

- **Quem:** Cantarelli
- **Equip:** iPhone, Steady, se pá lapela
- **Disponibilidade:** conferir no coral para [6.3, 6.4, 6.5, 7.1, 7.7, 8.1]

**#2**

- **Quem:** Cândia

- **Equip:** Câmera, tripé, lapela
- **Disponibilidade:** conferir com ele sobre [6.1, 6.2, 6.3, 6.4, 6.5, 7.1, 7.4, 7.7, 8.1]

### #3

- **Quem:** Stei
- **Equip:** Câmera
- **Disponibilidade:** conferir com ele sobre

### #4

- **Quem:** Thales
- **Equip:** Câmera, tripé
- **Disponibilidade:** conferir com ele sobre

### #5

- **Quem:** Cidy
- **Equip:** Câmera, tripé
- **Disponibilidade:** conferir com ele sobre

### #6

- **Quem:** Ig
- **Equip:** Drone
- **Disponibilidade:** conferir com ele sobre

## SOM:

### #1

- **Quem:** Maiô
- **Equip:** Captação a critério dele
- **Disponibilidade:** perguntar sobre [6.3, 6.4, 6.5, 7.4, 7.7, 8.1]

### #2

- **Quem:** Thales
- **Equip:** Captação a critério dele
- **Disponibilidade:** perguntar sobre [5.2, 6.3, 6.4, 6.5, 7.4, 7.7, 8.1]

## EDIÇÃO:

### #1

- **Quem:** Cândia
- **Equip**
- **Disponibilidade**

### #2

- **Quem:** Stei
- **Equip**

- **Disponibilidade**

**#3**

- **Quem:** Cidy (Saruê)
- **Equip**
- **Disponibilidade**

**BANCA:**

**MÁRCIA  
PAULINO ?  
??**

**EQUIPAMENTOS:**

**GRAVADOR???**



## REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

BEAUVOIR, De. Simone. O segundo sexo. **Fatos e Mitos. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.**

COSTA, R. C & MENEZES, J. A. Os Territórios de Ação Política de Jovens do Movimento Hip-Hop. **Rev. em Pauta**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 24, p. 199-215, Dez. 2009.

CRENSHAW, Kimberle. Mapping the margins: Intersectionality, identity politics, and violence against women of color. **Stanford law review**, p. 1241-1299, 1991.

ESTATUTO E REGIMENTO GERAL. 2011. Ed. UnB. Disponível em:  
<[https://www.unb.br/images/Noticias/2016/Documentos/regimento\\_estatuto\\_unb.pdf](https://www.unb.br/images/Noticias/2016/Documentos/regimento_estatuto_unb.pdf)> Acessado em:  
10 dez. 2017.

FROCHTENGARTEN, F. A entrevista como método: uma conversa com Eduardo Coutinho. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 125-138, Mar. 2009.

GEMAYEL, B. *ENTRE BARRACOS E VIOLINOS: Um documentário sobre os que tiveram a vida mudada pela música*. 2016. 65f. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

GRADIM, Anabela. **Manual de jornalismo**. Universidade da Beira Interior/Livros Labcom, 2000.

LORDE, Audre. As ferramentas do mestre nunca vão desmantelar a casa-grande. **The Master's Tools Will Never Dismantle the Master's House**. In: **Sister outsider: essays and speeches**. New York: **The Crossing Press Feminist Series**, p. 110-113, 1984.

MAGRO, Viviane Melo de Mendonça. Adolescentes como autores de si próprios: cotidiano, educação e o hip hop. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 22, n. 57, p. 63-75, Aug. 2002.

MATSUNAGA, S. P. *Mulheres no Hip Hop: identidades e representações*. 2006. 209f. Dissertação de Mestrado - Universidade de Campinas, Campinas, 2006.

MELO, C. T. V. O documentário como gênero audiovisual. **Comun. Inf.**, Goiânia, v. 5, n. 1/2, p.25-40, jan/dez. 2002.

MOREIRA, Laura Veridiana Fleury. Reportagem - RAP e poesia: diálogos urbanos. 2014

MORENO, Rosangela Carrilo; ALMEIDA, Ana Maria F.. O engajamento político dos jovens no movimento hip-hop. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro , v. 14, n. 40, p. 130-142, Apr. 2009 .

PAIVA, L. N. *Marca Batalha do Neurônio: Identidade visual para duelo de MC's*. 2013. 59f. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

ROSA, W. *Homem de Preto do Gueto: um estudo sobre a masculinidade no Rap brasileiro*. 2006. 97f. Dissertação de Mestrado - Universidade de Brasília, 2006.

SOARES, Sergio Jose Puccini et al. *Documentário e Roteiro de Cinema: da pré-produção à pós-produção*. 2007.

TAVARES, Breitner. Geração hip-hop e a construção do imaginário na periferia do Distrito Federal. **Soc. estado.**, Brasília , v. 25, n. 2, p. 309-327, Aug. 2010 .

ZENI, Bruno. O negro drama do rap: entre a lei do cão e a lei da selva. **Estud. av.**, São Paulo , v. 18, n. 50, p. 225-241, Abr. 2004.